

NOWHERE MAN

Evento situa Thomas em São Paulo



Luiz Damasceno é o "nowhere man" na peça homônima de Thomas, carro-chefe do evento do Sesc

ERIKA SALLUM
free-lance para a Folha

"It's not my fault (Não é minha culpa)."

Isso é tudo o que o polêmico diretor teatral Gerald Thomas tem a dizer a respeito da série de eventos que o Sesc Pompéia de São Paulo promove, até o dia 27 deste mês, sobre sua própria obra (leia quadro ao lado).

Em entrevista a **Folha**, recém-chegado de Nova York, Thomas explica que sua preocupação está voltada para trabalhos futuros, em especial à realização de sua primeira coreografia, "A Breve História do Roubo".

O espetáculo, feito em conjunto com o bailarino e coreógrafo paulista Ismael Ivo, estreia dia 31 de janeiro na Alenhanha.

"Nowhere Man"

A retrospectiva do Sesc Pompéia tem como carro-chefe a reestrela de "Nowhere Man", que acontece hoje, às 22h, no teatro da instituição. A peça já foi apresentada em festivais de teatro do Rio, Curitiba e São Paulo.

"É o ser humano moderno tentando relativizar o excesso de informação que rola pelo mundo e não tendo onde aplicar isso empiricamente", afirma Thomas.

O diretor explica que, apesar de conter citações e influências de "Fausto", "Nowhere Man" não é baseada na obra de Goethe.

"Não é como na 'Trilogia Kafka', que se baseava em Kafka. Não há nada que remeta o público a Fausto, além da situação de querer transcender e achar alguém com

quem compactuar."

Nessa montagem, feita especialmente para o ator Luiz Damasceno — "Meu mais fiel e magnífico parceiro" —, Thomas explora o humor solto "como nunca havia feito antes", diz.

"Talvez seja a minha primeira peça que não tenha tanta seriedade. Além disso, ela está muito próxima do público", diz.

Durante os diálogos, há referências aos cineastas Martin Scorsese e Francis Ford Coppola e até ao ator norte-americano Jim Carrey.

O diretor explica que foi na peça "Chief Butterknife", encenada há pouco tempo na Dinamarca, que começou a "se soltar".

"Nessa montagem, que escancara a mitologia moderna, eu brinquei com super-heróis, com Batman, Super-homem e James

Bond..."

Hoje às 19h também acontece o lançamento do livro "Um Encenador de Si Mesmo: Gerald Thomas" (editora Perspectiva), compilação de textos sobre seu trabalho e de artigos de sua autoria. O volume foi organizado pelos professores Jacob Guinsburg e Silvia Fernandes.

"Estou morrendo de medo, é uma responsabilidade grande", disse Thomas, que ainda não teve tempo de ver o livro.

O projeto do Sesc inclui, ainda, uma mostra de vídeos que exibirá vários espetáculos realizados pelo diretor.

Entre os dias 23 e 27 de outubro, Thomas estará ministrando um workshop, com a presença de atores de seu grupo teatral, a Companhia de Ópera Seca.

Gerald Thomas no Sesc Pompéia

Sesc Pompéia

R. Clélia, 93, Pompéia, zona oeste, São Paulo
Tel. (011) 871-7791

Livro

"Um Encenador de Si Mesmo: Gerald Thomas" (editora Perspectiva)
Onde: saguão do teatro
Quando: lançamento hoje, às 19h
Quanto: R\$ 40

Quanto: R\$ 45 (comerciários e estudantes), R\$ 75 (usuários inscritos) e R\$ 90 (usuários)
Número de vagas: 40

Teatro

"Nowhere Man"
Onde: teatro
Quando: estreia hoje, às 22h; quarta a sábado, às 21h; domingo, às 20h
Quanto: R\$ 15 (quarta, sexta e domingo), R\$ 20 (sábado)

workshop

(Com Thomas e Companhia de Ópera Seca)
Onde: teatro
Quando: de 23 a 27 de outubro, das 15h às 18h

Mostra de vídeos

Onde: auditório
Quando: até 27 de outubro; terças e sextas, das 13h30 às 15h30 e das 18h30 às 20h30; sábados e domingos, das 16h30 às 19h30
Quanto: gratuito

CRÍTICA

Diretor acerta em "besteirol de vanguarda"

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
Editor de Domingo

Espanta em Gerald Thomas a capacidade de extrair teatro do nada. Sem que o espectador tenha uma idéia mais precisa do que está se passando, sem que se dê conta do fio ou da meada, vê-se constantemente sobressaltado, eufórico, ofendido, teiso, prestes a cravar as unhas no braço da poltrona ou do cidadão ao lado.

Mas não é do nada, obviamente, que o diretor extrai essa notável capacidade de instaurar uma atmosfera de nobilização na platéia, de deixá-la em estado de alerta, de rejeição ou de incômodo fascínio: Gerald é um virtuoso da cena, um ás na arte da encenação.

Para quem vê no "verdadeiro

teatro" o império do sentido do texto, ele pode parecer um mentiroso, um mero colecionador de imagens e citações, um "pós-modernista" que perdeu a visão da história.

De um modo cínico, talvez ele tenha mesmo um pouco desses atributos.

Se é um exagero dizer que no seu teatro a palavra é mero alibi para a cena, também é verdade que, mesmo tendo um peso específico, ela não é a maior responsável pelo brilho do que está no palco.

Ao menos não é no sentido tradicional — nunca fiz essa experiência, mas não creio que estejamos diante de um grande autor para leituras.

Gerald está em outro lugar — em todos: é luz, cenário, cinema,

música, TV, pornografia, artes plásticas, erudição, clichê. Ilumina como relâmpago, não como farol.

É um autor do seu tempo, um cronista corajoso, livre e bem-humorado do jogo contemporâneo das linguagens.

É também ator — embora nesse ramo chame-se Luiz Damasceno. Principal intérprete do diretor, Damasceno é co-autor — e homenageado — em "Nowhere Man", a peça que volta ao palco do Sesc.

Nela, há um pouco de tudo isso, mas há principalmente uma vontade, já previamente anunciada, de mergulhar no humor: Gerald lançou a peça como "assumidamente uma comédia popular".

O tema do espetáculo está no título. O homem sem lugar, o personagem atordoado de um mundo

internacionalizado: Cuiabá, Nova York, Chico Buarque cantado em sueco, Internet, TV paga e globalização.

O personagem é também, como sempre, o teatro — o trabalho do ator, a relação com o diretor etc.

Criado e montado em tempo recorde para o Festival de Curitiba, "Nowhere Man" tem momentos realmente engraçados. Consegue sustentar em um palco, como de hábito muito bem montado, o humor perverso e tenso de seu autor — que não dispensa toques de "nonsense", à la Monthly Python.

Não deixa, porém, de ter irregularidades: em certos momentos, um crítico bem-humorado poderia ver no espetáculo o nascimento de um novo subgênero: o besteirol de vanguarda.



O diretor Gerald Thomas, que é tema de evento que o Sesc Pompéia promove até 27 de outubro